

A Reforma do Calendário e o Futuro da Civilização

Reflexões Preliminares para

a Cúpula Mundial da Paz e do Tempo,

Universidade para a Paz, Costa Rica,

24 da Lua Cristal - 1º da Lua Cósmica, Sexto Ano da Profecia,

(Gregoriano: 22 à 27 de junho de 1999)

Parte 1

O propósito da Cúpula Mundial da Paz e do Tempo é sem precedentes. Não é nada menos do que formular e propor, com passos bem definidos e concretos, uma reforma no atual padrão de tempo mundialmente mantido no dia-a-dia, o calendário Gregoriano de doze meses, substituindo-o por um calendário perpétuo de treze meses de 28 dias, cada. Este passo é dado com extrema seriedade de intenção e reconhecimento das profundas e amplas implicações com tal promessa de reforma. Substituir o calendário atual por um padrão de medida completamente diferente é empreender uma mudança fundamental que abrange as bases de tudo o que nós agora chamamos de civilização. É exatamente por causa das profundas mudanças previstas, que esta reforma do calendário é também empreendida como um ato para trazer a paz universal para a Terra. E, então, a Cúpula Mundial da Paz e do Tempo.

A Reforma do calendário é o ato final da história, e o primeiro passo, para a Regeneração da Terra no berço da cultura galáctica. Mudar o calendário agora é mudar o curso da história e revolucionar, completamente, o futuro da civilização na Terra. Fazermos esta varredura só com afirmações precisas, estaríamos sendo negligentes se não apresentássemos uma breve história da reforma do calendário moderno, de modo que pudéssemos captar melhor as sutilezas e implicações do longo alcance de tal reforma. Nós também devemos entender que o ajuste desta reforma do calendário é de natureza vital e representa uma oportunidade evolutiva para a humanidade, a qual não pode ser desperdiçada.

O assunto sobre calendários e a reforma do calendário não é popular por uma simples razão, que o calendário em uso, funciona como um dogma e, assim, pouco se questiona. A maioria das pessoas não tem a menor ideia de onde veio o calendário atual. Pessoas que vivem em

sociedades, principalmente não-ocidentais, trabalham com o que é chamado de calendário lunar, tanto quanto com o atual calendário Gregoriano. Os calendários lunares também dogmatizam o sentido do tempo. Embora se fale dos calendários, árabe, hebreu, ou lunar chinês, por exemplo, deve ser lembrado que só há uma lua e consequentemente todos os calendários lunares tem, na realidade, a mesma medida. Os calendários lunares, em uso, medem o ciclo sinódico da lua, de lua nova à lua nova. Este é um ciclo de 29,5 dias. Doze destas lunações sinódicas levam 354 dias, menos os 11 dias da órbita solar da Terra. O ciclo sideral da lua ou a medida da lua no mesmo lugar em que aparece no céu é de apenas 27,5 dias. Entre as medidas sinódicas e siderais, está o ciclo lunar de 28 dias.

Enquanto os calendários lunares, usados por diferentes culturas mundiais, não são de forma alguma calendários solares, ou uma medida da órbita solar da Terra, o calendário Gregoriano, usado atualmente, é uma aproximação de um calendário solar. Dizemos aproximação porque por um lado, enquanto o calendário Gregoriano responde pelo ciclo solar de 365 dias, incluindo um dia extra a cada quatro anos, por outro lado, seu padrão de medida é irregular e não corresponde a nenhum ciclo natural, qualquer que seja ele.

Deve ser compreendido, sem equívocos, que um padrão irregular de medida tem um efeito profundo na mente, especialmente um padrão irregular de medida de tempo. Isto é devido ao tempo ser um fenômeno mentalmente percebido, diferente do espaço que é percebido pelos sentidos. Um padrão de medida que é irregular e desigual é inerentemente problemático. Nosso sentido de tempo é uma percepção fundamental. Se o padrão de medida de tempo que usamos é irregular, então, temos que considerar profundamente e compreender o que isto provoca em nossa mente, pelo uso prolongado durante séculos.

Parte 2

Se o relógio representa a mecanização do tempo, o calendário Gregoriano é o instrumento que normaliza a mecanização do tempo como uma instituição mental, inseparável das irregularidades irracionais de sua conta mensal. Desta forma, a civilização humana moderna adquiriu sua qualidade de eficiência da máquina institucionalizada, inseparável de um anfitrião de problemas sociais irracionais, crime e guerra. Com exceção do próprio Vaticano que precedeu e patrocinou a Reforma do Calendário Gregoriano, praticamente todas as invenções, nações e instituições mundiais modernas, estão incorporadas à este calendário. Qualquer tentativa para reformar o atual calendário civil tem que estar de acordo com tudo o que está incorporado neste calendário.

Uns 200 anos depois da Reforma do Calendário Gregoriano, veio a Revolução Francesa e o chamado para um novo calendário. O Calendário Republicano de 1793 substituía o calendário Gregoriano com uma tabela de doze meses de 30 dias cada, mais um período de cinco dias no final do ano. O Calendário Republicano Francês era essencialmente igual a um tipo babilônico, que tinha a mesma forma de divisão do ano em doze meses de 30 dias, com um ciclo de purificação de cinco dias no final. A cada quatro anos, este período de cinco dias, do Calendário Republicano Francês, era estendido para seis dias para ajustar o dia trimestral (de pagamento). A semana de sete dias era substituída por um decálogo ou um ciclo de dez dias. O Calendário Republicano Francês durou dez anos, até 1803, quando foi substituído, mais uma vez, pelo calendário Gregoriano.

O sentimento pró-racionalista, anti-eclesiástico, que incentivou o Calendário Republicano Francês, também esteve por trás da proposta de reforma do calendário do pensador francês do século XIX, Auguste Comte (1798-1857). Conhecido como o fundador da disciplina de sociologia moderna, filósofo e matemático, Auguste Comte, por volta de 1840, teve a oportunidade de aprender sobre um calendário de treze meses de 28 dias cada. Esta informação veio de viajantes que estiveram no Taiti, onde este calendário era bastante conhecido entre os polinésios. Este calendário indígena universal se ajustava ao ciclo menstrual da mulher, o que impressionou Comte por sua forma harmônica e veracidade biológica, levando-o a dedicar vários anos de estudos a esse respeito, antes de concluir sua forma como um Calendário Positivista, apresentado em uma reunião da Sociedade Positivista em 1849.

Devido à proposta de Comte para um calendário de treze meses que, necessariamente, possuía um dia extra, fora do tempo, o chamado para a Reforma do Calendário continuou na França e em outros lugares da Europa, porém, centrado na manutenção de um ciclo de doze meses e a semana de sete dias. Durante os anos de 1890, houve uma movimentação considerável para dar início a um novo calendário no século XX. Em 1900, uma conferência foi organizada em Eisenach, Alemanha, para se estudar a Reforma do Calendário Gregoriano. Apesar de todas as tentativas, a resposta Papal sempre era muito rígida em defesa do calendário atual, por razões litúrgicas. E, mais uma defesa foi proposta pelo Vaticano, a de que qualquer reforma do calendário deveria respeitar a sequência da semana de sete dias. Este argumento, do Vaticano, restringe bastante ou mesmo impede o debate sobre a reforma do calendário e basicamente funciona como um "catch 22" (N.T.: livro polêmico de J. Heller, transformado em filme, que no Brasil teve o nome de: "Artigo 22") que diz, "Sim, você pode reformar o calendário, mas só se não houver nenhum corte na sequência da semana de sete dias e, que tenha doze meses". Qualquer um qualificado em solução de problemas verá que estas diretrizes limitam bastante as possibilidades da reforma do calendário, e, de fato, tem sido a causa da falta de êxito de todas as tentativas para a reforma do calendário, nos últimos 150 anos. Na verdade, tudo que este argumento realmente significa é uma expressão do poder da Igreja Católica para manter seu calendário como o padrão mundial.

Entretanto, foi de grande interesse que o Calendário Positivista de 13 Luas, de Comte, originalmente derivado dos indígenas polinésios do Taiti, se fez presente outra vez no Congresso Científico Pan-Americano, em Santiago, Chile, de 25 de dezembro de 1908 à 5 de janeiro de 1909. Neste evento inicial, um peruano de nome Carlos A. Hesse, apresentou uma reforma de calendário usando um calendário de treze meses idêntico àquele de Auguste Comte. Embora não possamos dizer exatamente de onde Hesse derivou seu calendário, sendo do Peru, é bastante provável que ele soubesse que a civilização andina (conquistada pelos europeus) possuía um calendário de treze luas, como faziam os Taitianos. O calendário de treze luas peruano, ainda em uso hoje, está relacionado aos ciclos Pachacuti de 500 anos e, atualmente (gregoriano: 1998-99 DC), está em seu décimo primeiro ciclo Pachacuti, ano 5506.

A natureza lógica do calendário de treze meses atraiu o magnata da English Railroad, Moses B. Cotsworth, que formou a Liga do Calendário Perpétuo Internacional. Em 1921, a Câmara do Comércio Internacional, em Londres, Inglaterra, decidiu promover o calendário mundial, e o assunto foi levado à Liga das Nações. Durante os anos vinte, Cotsworth atraiu o interesse de George Eastman, de Eastman Kodak, que organizou uma grande campanha em nome do Calendário Perpétuo Internacional. Na Liga das Nações um comitê para estudar o tópico da reforma do calendário, recebeu numerosas propostas, porém, sem sombra de dúvida, a mais popular foi a do Calendário Perpétuo Internacional. Só nos Estados Unidos mais de cem indústrias, com grande diversidade de interesses, estavam prontas para adotar o calendário perpétuo de treze meses. A Liga das Nações determinou que 1º de janeiro de 1933 fosse a data para se começar o novo calendário, uma vez que aquele ano começou em um domingo, e o calendário perpétuo sempre começa em um domingo e termina em um sábado.

Enquanto mantinha uma aproximação com os nomes tradicionais dos meses do calendário gregoriano, sendo o décimo terceiro mês chamado Tricembro, a oposição ao calendário estava contra o "dia nulo", entre o último sábado de um ano e o primeiro domingo do próximo ano. Isto era devido a $13 \times 28 = 364$ dias, ou 52 semanas perfeitas, (o que atraía os contadores das indústrias) e o ano solar, contava 365 dias. Apesar da perfeição, completamente auto-existente, da forma do calendário de treze meses, a resistência a isto se concentrava em uma grande campanha contra o único "dia nulo", o mesmo ponto pelo qual ele mantinha sua perfeição perpétua. Aqui, a inércia da ignorância e desarmonia institucionalizada foi capaz de por um ponto final nas tentativas de obter sucesso na reforma do calendário.

Em 1931, os 111 delegados representando os 42 estados membros da Liga das Nações ouviram as 28 páginas do Relatório Preliminar da Comissão. Enquanto muitos países incluindo os Estados Unidos, Brasil, França, Suíça e Alemanha, votaram a favor do calendário de treze meses, a Hungria, Itália e Países Baixos expressaram oposição à instituição de um calendário perpétuo que implicasse na introdução de dias "suplementares" (o dia nulo).

O apoio a esta posição antagônica crescia com a objeção de vários astrônomos, como Federico Oom, do Observatório Astronômico de Lisboa, e o Papa Pius XI, que argumentaram que a quebra na sequência da semana de sete dias criaria caos e calamidade. O Papa afirmou, mais adiante, que o assunto sobre a fixação de uma data para a Páscoa estava completamente abaixo de sua jurisdição. Esta posição foi apoiada, posteriormente, através de editoriais nos principais jornais como o London Times, de 13 de outubro de 1931, que argumentou em favor das dúvidas religiosas e o New York Times, de 16 de dezembro de 1934, que ecoou o raciocínio relativo ao dano que causaria a quebra da sequência semanal, uma sequência que já foi discutida, e que não havia sido quebrada desde os tempos Bíblicos, mais antigos.

Tomado como um ataque à religião e à sequência semanal, apesar da grande quantidade de dinheiro gasto na campanha para promover o calendário de treze meses, o projeto tropeçou e não pôde resistir aos sentimentos conservadores da Igreja, de certos cientistas, e dos principais jornais. Com o apoio de contadores revoltados, de várias organizações, que desejavam criar uma atmosfera favorável para a abolição do calendário Gregoriano, uma última tentativa foi feita em favor de um calendário moderado de doze meses, que começaria no domingo, 1º de janeiro de 1939. Porém, este calendário também continha o famoso “dia nulo”, e no dia 4 de setembro de 1937, o Comitê de Comunicações da Sociedade das Nações, em Genebra, chegou à conclusão de que ainda não era hora para se reformar o calendário. Em 1950, o Papa Pius XII fez o pronunciamento de que a Igreja não fazia oposição à reforma do calendário, mas, fazia oposição àquelas propostas que incluíam “dias universais”, os quais não eram dias da semana de sete dias. Este sentimento está repercutido na declaração sobre a Reforma do Calendário de 1962, na conclusão do II Conselho Ecumênico do Vaticano. Assim, em meados do século XX, o calendário Gregoriano prevaleceu mundialmente.

Parte 3

O debate sobre a reforma do calendário, como ocorreu até a Segunda Guerra Mundial, reflete uma imersão total na visão mentalmente Ocidental (gregoriana). O argumento, de que a mudança do calendário é uma ameaça a religião, só é mantido pela religião cujo calendário é objeto de debate para a reforma do calendário. Que o acidente da história, situado no calendário do Vaticano, como padrão mundial, só enrijeceu a posição de seus defensores. Que a principal objeção para a reforma do calendário era a inclusão de um dia fora do ciclo semanal (assegurando quatro trimestres iguais de 91 dias ou treze semanas de sete dias cada) é surpreendente, levando em conta a regularidade harmônica que seria obtida com tal reforma.

A mesma noção de uma interrupção na sequência das semanas de sete dias, desde o começo de criação, é, de fato, uma concepção de tempo profundamente linear. O argumento de que uma quebra nesta sequência causaria um caos mundial, barbarismo e o declínio da religião, perde a importância quando se contempla o curso atual dos eventos, desde a Segunda Guerra

Mundial ou, até mesmo durante todo o século XX: nunca houve, em qualquer outra época da história, tantas guerras, tantas mortes violentas, e tanta proliferação de armas para a destruição de massa. Seria porque a população humana está presa à um calendário cuja medida atual desafia a harmonia, e cujos patrocinadores salvaguardaram sua reforma por causa de regulamentos que desafiavam a possibilidade de qualquer reforma real?

Em 1956, o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas adiou, indefinidamente, o debate sobre o assunto da reforma do calendário. A inércia cumulativa do dogma do calendário Gregoriano manteve o controle, e com isto, também o domínio da civilização que tinha crescido à sua sombra. Nós afirmamos que o conceito de uma quebra na sequência do ciclo semanal é um provincialismo Ocidental. A noção da semana de sete dias não é compartilhada pelos calendários de muitas outras civilizações e culturas. Quer dizer que o único caminho verdadeiro é aquele em que a semana de sete dias não tem sua sequência interrompida, como acontece com o calendário Gregoriano? Não, pois isto seria cair em um tipo de chauvinismo e imperialismo pelos quais o calendário Gregoriano está em destaque, no primeiro lugar.

Enquanto o debate sobre a reforma do calendário Gregoriano, o calendário civil mundial havia caído no esquecimento, os problemas da Guerra Fria só aumentavam em meio ao caminho desimpedido da industrialização global. O resultado era não só o aumento progressivo do terror nuclear, como também do efeito negativo do industrialismo desenfreado no ambiente global. Com tal complexidade de forças sociais e tecnológicas, a reforma do calendário parecia remota e irrelevante.

Em 1987, foi publicado um livro chamado “O Fator Maia”. Pela primeira vez uma tentativa compreensível foi feita para se entender o sistema de pensamento produzido pelos Maias antigos, da América Central, que era focado em uma matemática e astronomia calendárica, única na história da Terra. Pelo processo histórico, esse livro só poderia ter sido produzido na época em que foi, pois esta época era bem conhecida pelos Maias indígenas antigos e contemporâneos.

A civilização Maia posterior foi esmagada pelos espanhóis, no século XVI. Em 1562, um padre católico, o Bispo de Landa, queimou todos os livros que encontrou, e destruiu, o quanto pode, muitas esculturas e obras de arte, enquanto se apoderava dos grandes templos piramidais do centro de peregrinação Maia de Izamal, e ia tirando pedra por pedra para utilizar na construção de igrejas e catedrais Cristãs. O auto-de-fé do Bispo de Landa fez com que ele fosse chamado de volta para a Europa para relatar o ocorrido aos seus superiores. Em 1572, dez anos depois, Gregório XIII chegou para dar poder e fazer o chamado para a Reforma do Calendário, o Bispo de Landa publicou seu livro sobre o conhecimento dos Maias, os quais ele havia destruído ou convertido. Longe do livro do Bispo de Landa, o conhecimento dos Maias

antigos era deixado, agora, no tempo e na selva, esperando ser “descoberto”, séculos depois, por grupos de arqueólogos que tentavam compor a história esquecida.

Enquanto o Fator Maia considera a existência de sobreviventes dos Maias modernos conhecidos como "guardiões do dia", os quais continuam a trabalhar com o Tzolkin ou o calendário sagrado de 260 dias, o autor, Dr. José Argüelles, mergulhava em análises matemáticas e históricas, baseadas no Tzolkin, as quais demonstrava que isto é muito mais do que "só um calendário". O que o Fator Maia realmente apontava era a elaboração de um ponto de vista sobre o tempo e a existência de um calendário ou de fato, um sistema de calendários, totalmente diferente do calendário Gregoriano ou dos calendários lunares do Velho Mundo. Na verdade, de acordo com um pensador e cerimonialista Maia contemporâneo, Hunbatz Man, os Maias, na verdade, trabalhavam com pelo menos dezessete calendários no início de sua civilização, trezentos anos atrás. Ironicamente, no Observatório Kitt Peak, fora de Tucson, Arizona, onde o Vaticano tem seu observatório astronômico, há um mural em mosaico da civilização Maia com uma declaração afirmando que o calendário Maia era até mesmo mais preciso e científico do que o calendário Gregoriano!

Dois anos depois da publicação do Fator Maia, o autor e sua esposa, que há muito tempo haviam começado uma experiência vivendo de acordo com os ciclos do calendário Maia, em lugar do Gregoriano, estavam no Museu do Tempo, em Genebra, Suíça. Por causa da sua imersão em outra visão “fora” do tempo, Argüelles pode fazer uma descoberta surpreendente que ia afetar, profundamente, o curso da reforma do calendário. Esta era a descoberta das frequências de tempo 12:60 e 13:20, a base do que eles, mais tarde, vieram a chamar de a Lei do Tempo.

O que os Argüelles viram no Museu do Tempo era, na realidade, a história da mecanização do tempo. Incorporado ao calendário Gregoriano, o qual tinha a mesma raiz histórica na divisão métrica do espaço e do relógio mecânico, a combinação do relógio mecânico com o calendário irregular produzia uma frequência de tempo, artificial, cuja aceitação inconsciente e prisão mental, provocaram, na espécie humana, uma distância cada vez maior dos ciclos naturais. Esta frequência de tempo que os Argüelles identificaram como 12:60, contrastava com o que eles agora sabiam que era a frequência do tempo natural, 13:20. Esta frequência 13:20 é derivada do Tzolkin, que eles também chamavam de módulo harmônico, uma matriz de permutação de $13 \times 20 = 260$ unidades. A natureza simples do uso e propagação de tantos calendários pelos Maias antigos, era agora entendido como sendo o resultado do conhecimento Maia da atual frequência de tempo do universo, 13:20, algo conscientemente desconhecido para todas as outras pessoas da Terra.

De suas descobertas, os Argüelles perceberam imediatamente que a causa do desequilíbrio humano para com o ambiente, a razão para a propagação da indústria e novas tecnologias, e a

“bomba” populacional humana, era uma e a mesma: a adoção para/e aceitação de uma frequência de tempo que desvia das leis naturais.

Não conhecendo nada sobre as recentes tentativas de reforma do calendário, a primeira conclusão, dos Argüelles, tirada de suas descobertas sobre as frequências de tempo 12:60 e 13:20 era mudar o calendário. Instintivamente eles souberam que o calendário de treze meses de 28 dias era a solução apropriada, assim como o primeiro passo a ser dado, pela raça humana, para se harmonizar novamente com os ciclos naturais e assim, salvar a si mesmo e sua biosfera, da destruição. De seus conhecimentos dos diferentes calendários Maías, eles souberam também que os Maías possuíam um calendário de treze luas, o Tun Uc ou, a contagem Lunar. Seguindo a tradição profética Chilam Balam, dos Maías, e de acordo com a ascensão helíaca de Sirius, a sincronização ou a data do ano novo do calendário novo era fixada em 26 de julho. Então, 25 de julho, se tornou o Dia-fora-do-tempo (igual ao "dia nulo"), o qual os Argüelles também chamaram, Dia da Liberdade Galáctica ou Dia Verde, com a finalidade de perdoar dívidas e pecados e começar uma vida nova. Os Argüelles também perceberam que enquanto no sistema 12:60 "Tempo é Dinheiro", no sistema 13:20, "Tempo é Arte".

Com o calendário de Treze Luas como base para suas investigações da Lei do Tempo, os Argüelles inventaram um "kit de ferramentas" do novo tempo chamado Encantamento do Sonho, uma Viagem da Nave do Tempo Terra 2013(1991). Já um pensador de sistemas inteiros, Argüelles identificou o sistema único de matemática vigesimal dos Maías com a matemática da quarta dimensão, a causa de uma revisão radical da moderna física do tempo. Em seu estudo sobre a relação dos humanos com seu ambiente, Argüelles estudou os trabalhos do cientista biosférico russo, Vladimir Vernadsky (1863-1945). Foi no trabalho final de Vernadsky, Problems in Biogeochemistry II(1944) que Argüelles encontrou o que estava procurando: uma declaração confirmando a percepção de Argüelles de que a ciência moderna (Gregoriana) despercebia, completamente, a natureza do tempo, pela aplicação da métrica do espaço como medidas de tempo, obscurecendo assim, completamente, a natureza atual do tempo. Em outras palavras, o tempo é uma dimensão diferente, ou maior do que o espaço, e, de acordo com Vernadsky, do ponto de vista do tempo- espaço é um ponto infinitamente localizável.

Com base nisso, Argüelles foi capaz de escrever, "Um Tratado Sobre o Tempo Visto de sua própria Dimensão"(publicado como "O Chamado de Pacal Votan", 1996). A conclusão deste texto considera o que Vernadsky chama transição biosfera-noosfera, da perspectiva de análise dos padrões de tempo da quarta dimensão. De acordo com esta análise, a civilização humana contemporânea da Terra, já está no meio desta transição que prediz uma mudança radical nas operações e avanço evolutivo do que Vernadsky chama de a "Era Psicozótica". Argüelles foi convencido de que a mudança para o calendário de Treze Luas era o caminho mais inteligente

e pacífico para a humanidade mudar sua frequência e participar positivamente desta mudança evolutiva climática.

Os Argüelles também perceberam que devido a efeitos mentais inconscientes, do calendário Gregoriano, as contradições inerentes à sociedade global eram maiores do que a capacidade para a sua solução, enquanto que os problemas criados para o ambiente eram maiores do que a capacidade de restabelecimento e regeneração da natureza. Algo dramático tinha que acontecer. Com seus esforços contínuos para decodificar os hieróglifos dos antigos Maias, no dia 26 de julho de 1993, algo dramático aconteceu a Argüelles. Ele começou a decodificar a pedra do sarcófago da tumba de Pacal Votan (603-683), em Palenque, e recebeu instantaneamente a profecia das Treze Luas. Esta profecia é conhecida como o Telektonon e afirma sucintamente: "O Telektonon vos é revelado, o plano de Deus para a paz na Terra, a derradeira e única esperança para a renovação espiritual e salvação: aceitação e adoção imediata do caminho de 13 Luas de 28 dias, o calendário Telektonon". Daí nasceu o Movimento Mundial de Paz e Mudança para o Calendário de Treze Luas.

Parte 4

O Telektonon estabelece o período entre 26 de julho de 1993 e 25 de julho de 2000, como os "sete anos da profecia". Durante os primeiros cinco anos deste período os Argüelles viajaram ao longo da América Latina, Europa, Oriente Médio e América do Norte, para espalhar a mensagem do Calendário de Treze Luas e promover um movimento de paz mundial. A essência de sua missão é resumida como o Plano de Paz e de Mudança para o Calendário de Treze Luas(1995), cujo ponto principal diz que se houver uma mudança de calendário, então, o mundo deve parar para observar a mudança. Parar o mundo para observar a mudança é o pretexto para um chamado universal de cessar fogo e a estratégia complementar para aliviar os problemas, agora presos ao velho calendário civil. Através de seus esforços, eles convocaram o Congresso Planetário dos Direitos Biosféricos, Brasil, 1996, e o Primeiro Congresso Mundial da Lei do Tempo e o Tribunal do Dia do Julgamento, Japão, 1997.

A essência do Tribunal do Dia do Julgamento era tornar claro que o Vaticano e seu calendário haviam manipulado a criação e manutenção da atual ordem mundial. Por esta razão, e ainda com conhecimento, porém, insuficiente das tentativas anteriores de reforma do calendário, os Argüelles fizeram uma campanha diplomática para atrair a atenção do Vaticano e das Nações Unidas, para suas tentativas de mudar o calendário. Chegando a Roma no dia 1º de janeiro de 1998, com um grupo de Brasileiros legais, os Argüelles esperavam chegar ao Papa João Paulo II com sua proposta. Uma reunião com um dos secretários particulares do Papa os convenceu de que eles também precisavam do apoio das Nações Unidas. Embora mais tarde, eles recebessem o reconhecimento do Diretor da Academia Pontifícia de Ciências, como também

do secretário geral Kofi Annan, as tentativas para uma comunicação só foram retribuídas com o silêncio do Vaticano.

Percebendo que o mundo 12:60 está em um quantum exponencial de desordem, acentuada pelo problema de datas do calendário Gregoriano do Y2K e da atual guerra, que aumenta cada vez mais nas Balcãs, os Argüelles agora, fizeram o chamado para a Cúpula Mundial da Paz e do Tempo. Uma vez que ainda almejavam a cooperação do Vaticano e das Nações Unidas, na coordenação da reforma do calendário, os Argüelles também sabiam que o tempo é da essência e que confiar em quaisquer dos procedimentos estabelecidos para mediar mudanças é perda de tempo. Por isto, eles perceberam que uma aproximação completamente popular, poderia ser a única forma para se mudar de um calendário e um tempo, para outro calendário e outro tempo. Não há questão alguma que possa depender, completamente, o futuro da civilização – e, na verdade da Biosfera - com uma reforma de calendário estrategicamente sincronizada e bem projetada, que leva em conta todos os aspectos da existência humana, pois não há nada que não seja afetado pelo tempo.

Da observação destas "Reflexões Preliminares para a Cúpula Mundial da Paz e do Tempo", está a persistência do Calendário de Treze Luas: O Calendário Positivista de Comte foi derivado do Taiti. O Calendário de Treze Luas andino, "Pachacuti" ainda está em uso. Os Maias conheciam e usavam o Calendário de Treze Luas, que o chamavam de Tun Uc. Na antiga Inglaterra e Europa este mesmo calendário era conhecido como o calendário Druida. Os arqueólogos do Japão mostraram que este calendário era conhecido por seus povos ancestrais. A lembrança do ciclo de 28 dias, que afinal de contas é o ciclo biológico feminino, humano, é lembrado nas tradições das 28 mansões lunares dos chineses e hindus, enquanto que entre o povo Lakota, era sempre usado 28 colunas para a construção da tipi. E 28 não só é o número principal de dias do ciclo de luação, como também é o número de dias que o Sol leva para girar em seu diâmetro. O "retorno" ao uso deste calendário é exatamente porque ele corresponde ao ciclo da menstruação feminina, que se processa dentro de uma profunda harmonia e regularidade naturais. Que melhor forma para a humanidade levar adiante sua causa evolutiva e voltar aos ciclos naturais?

O mito da sequência do ciclo semanal não tem nenhum poder em face ao uso contínuo de um calendário que é inerentemente problemático e sem solução. Este mito deve ser visto pelo que ele é: o último dogma do calendário Gregoriano. Seguindo a derrota de todas as tentativas para a reforma do calendário, na primeira metade deste século, o calendário Gregoriano teve uma suspensão de meio século. Mas deve ser questionado, por exemplo, de qual calendário dependem os poderes da OTAN? A humanidade, agora, deve caminhar longe de si mesmo e experimentar um dia fora do tempo, nenhum dia da semana, absolutamente, não como o caos, mas, como a possibilidade do começo do alívio de todas as dívidas e criar uma atmosfera de perdão e reconciliação, onde a paz pode ser praticada, uma vez mais, assim como a difusão da arte e da cultura.

Finalmente, em atenção à promessa de paz garantida por um novo calendário harmônico e regular, nós deveremos considerar a oportunidade apresentada pelo princípio de “incorporação, desincorporação e regeneração do tempo”. Praticamente, todas as instituições existentes estão incorporadas ao calendário Gregoriano. Isto significa que a sua soberania do tempo é devido à sua data de incorporação ao calendário Gregoriano. Renunciar a este calendário é, na verdade, desincorporar tudo destas instituições – quer sejam corporações ou nações. Na reforma completa do calendário, toda a soberania do tempo deve ser renegociada na paz.

Isto define o propósito das Sete Comissões: se há desincorporação da velha ordem de tempo, há uma regeneração para a nova ordem de tempo; então, determinando que, são os humanos e não as instituições que têm a soberania do tempo, como a transição pode ocorrer? Todas as instituições previamente existentes, incorporadas ao calendário Gregoriano, sendo agora desincorporadas, devem trazer os seus antigos gerentes para uma nova compreensão humana do tempo e a criação de uma verdadeira igualdade, justiça, e irmandade de irmãos e irmãs da raça humana, onde a violência não mais seja aceita e a paz seja como vivemos a cada momento do dia. Com a oportunidade de substituição de um calendário por outro, cada uma das Sete Comissões deve questionar: "Qual é o primeiro passo pragmático a ser dado e quais os procedimentos a serem seguidos com segurança, para que a espécie humana, de forma criativa e pacífica, possa entrar em um novo tempo onde, com as semanas iguais e os meses harmônicos, do novo calendário, a vida seja devolvida á harmonia e ordem cósmica, em nome de tudo o que vive"?

Ao entregar estas "Reflexões Preliminares" nós concluímos declarando que tudo o que for empreendido por esta reforma de calendário será pela paz. O Calendário de Treze Luas é o Calendário da Paz. Esta reforma é empreendida, não em reação a um velho calendário ou qualquer velha instituição, mas, em nome de um profundo bom senso e descoberta de uma lei fundamental da natureza, a Lei do Tempo. Nós também estamos cientes de que nestas reflexões de abertura, há muitos assuntos de uma natureza profundamente teológica, psicológica e científica, referentes à reforma do calendário, que nós não pudemos mencionar, mas, esperamos que seja discutido e experimentado durante as deliberações das Sete Comissões e Assembleia Geral da Cúpula Mundial da Paz e do Tempo.

Nós viemos em paz, nós somos a paz. É nossa missão ajudar a estabelecer uma verdadeira cultura de paz na Terra. Nós a chamamos de Cultura Galáctica porque, liberada nos ciclos naturais do tempo, nós experimentaremos e conhecemos a nós mesmos como os seres verdadeiramente cósmicos que somos, participando de um processo evolutivo espiritual que internamente nos conecta a toda ordem da galáxia, a qual nos encontramos. Sim, há um

tempo de guerra e um tempo de paz. No tempo de guerra nós só conhecíamos a guerra, assim, no tempo de paz nós só conhecemos a paz. Que a Paz prevaleça! Paz Global Agora!

Submetido e Apresentado pelos Coordenadores da Cúpula, Dr. José e Lloydine Argüelles

5 da Lua Cristal, Kin 201, Sexto Ano da Profecia.